

Congresso

Recesso não interfere no jogo político

Teresa Cunha

A última sessão da Câmara, ontem pela manhã, que não foi das mais pacíficas, veio comprovar as tendências que durante todo este ano começaram a se delinear no Legislativo. Do discurso otimista, do presidente Flávio Marçílio, louvando tanto as alianças interpartidárias, quanto os trabalhos das comissões, às acirradas críticas do líder do PT, Airton Soares, que cobrou dos parlamentares uma atuação que dignifique o salário que recebem, ficou bem claro que em 84, grupos e tendências deverão se fortalecer em nome daquilo que defendem.

Até mesmo a ausência do líder do PTB foi motivo de crítica por parte de alguns parlamentares, que viram nisso, a submissão ao partido do governo, encerrando com "fecho de ouro", o acordo tão discutido durante este ano. Sem falar no discurso do líder do PDS, Nelson Marchezan, que lamentou "a quebra da tradição", através da qual nesta última sessão, as lideranças procuram apresentar muito mais o lado positivo do período encerrado, do que ficar com abordagem de assuntos polêmicos.

Mas se oficialmente, a partir de hoje, o Congresso Nacional inicia seu período de recesso parlamentar, que durará nada menos de três meses, extra-oficialmente o jogo político nada perderá em intensidade.

Não serão poucos os parlamentares que circularão pelas dependências da Câmara e do Senado, para preparar-se para a segunda sessão legislativa, a se iniciar dia 1º de março de 1984.

E a principal preocupação destes parlamentares é a escolha dos futuros líderes do ano legislativo, que em todos os partidos, sem exceção, existem sérias divergências a se refletir na escolha dos nomes.

Um intenso trabalho de bastidores começará a se desenvolver, visando

gos. E um dado novo, pode-se somar aos já conhecidos: a chamada "esquerda independente" dentro do Congresso Nacional, pretende se unir para forçar a posse de, pelo menos, dois cargos de liderança entre as oposições.

Sucessão

Embora em pequeno número mas já com uma "espinha dorsal" formada, o Grupo de Articulação Partidária, que se reuniu duas ou três vezes, promete engajar em suas fileiras, entre 50 a 65 parlamentares. O objetivo final, é nada mais, nada menos, do que influir no próprio Colégio Eleitoral, com um mínimo de 100 votos, na escolha do sucessor do Presidente Figueiredo, caso as indiretas prevaleçam.

Mas na verdade, o que este Grupo pretende é neutralizar a ação das outras tendências no processo de escolha dos novos líderes partidários.

Como argumentava ontem, um dos fundadores deste Grupo: "Porque a direita está conseguindo o que quer? Porque está unida. Nós temos que fazer o mesmo. Ocupar o espaço que nos cabe dentro do Congresso Nacional, antes que outros o façam".

A escolha dos líderes para 84 será fundamental para o processo político já deflagrado, e que culminará no mecanismo a ser empregado para escolha do próximo presidente da República. Serão estes líderes a expressar a vontade dos parlamentares, na atuação legislativa, e consequentemente, na forma como se processarão os entendimentos interpartidários.

Ficou evidente na sessão plenária de ontem, que os ressentimentos não foram esquecidos, nem mesmo pela proximidade das festas de fim de ano. E mais: se depender do posicionamento de alguns parlamentares, a separação será ainda maior.

Este não será um recesso tranquilo. Muito pelo contrário. Estão em jogo interesses maiores, como a própria manutenção de alguns partidos.